

A Representação da Mulher na Mídia Esportiva: Uma análise da TNT SPORTS¹

Camylla de Sousa Silva²

Luciana França Pereira Primo³

Rita de Cassia Silva do Nascimento⁴

Ruthy Manuella de Brito Costa⁵

Universidade Estadual do Piauí - UESPI

RESUMO

Este trabalho analisa a representação da mulher na mídia esportiva a partir do conteúdo produzido pela TNT Sports entre 2020 e 2024. Parte do problema de como o canal retrata jornalistas e atletas mulheres, especialmente em coberturas de modalidades femininas e de casos de violência de gênero. Adotou-se metodologia qualitativa, com análise documental de reportagens, entrevistas e materiais audiovisuais. Teoricamente inclui autoras como Goellner (2021), Ramos (2010), Pedroza (2017) e dados institucionais da ONU Mulheres, COB e FIFA. Os resultados indicam avanços na visibilidade feminina, mas também evidenciam estereótipos persistentes, desigualdade na ocupação de espaços e abordagens midiáticas inconsistentes diante de crimes sexuais cometidos por atletas.

PALAVRAS-CHAVE: mídia esportiva; gênero; jornalismo; representatividade; violência.

INTRODUÇÃO

A presença feminina no esporte, seja como atleta ou profissional da comunicação, tem sido historicamente condicionada por estruturas de dominação masculina que impuseram barreiras simbólicas, culturais e legais ao longo do tempo. No Brasil, por décadas, mulheres foram formalmente proibidas de participar de determinadas modalidades esportivas, o que impactou profundamente sua inserção e visibilidade no campo esportivo. Apesar de avanços significativos na inclusão das mulheres no cenário

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE04 - Comunicação e Esporte, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí, email: camylladessilva@aluno.uespi.br.

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí, email: lucianafpereinaprimo@aluno.uespi.br.

⁴ Estudante de Graduação 6º período do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). ritadecsilvadonascimento@aluno.uespi.br.

⁵ Doutoranda em Comunicação (PPGCOM UFPE). Mestra em Comunicação (PPGCOM UFPI). Professora Efetiva da Universidade Estadual do Piauí. ruthycosta@pcs.uespi.br.

esportivo, a desigualdade de condições, o reconhecimento profissional e a representação midiática ainda persistem. A mídia, como instância formadora de discursos e percepções sociais, ocupa lugar central nesse debate, podendo reforçar ou combater estereótipos de gênero.

Neste contexto, o problema de pesquisa que norteia este estudo é: como a TNT Sports representa a mulher no ambiente esportivo, tanto no espaço jornalístico quanto na cobertura de atletas e de casos de violência de gênero? O objetivo geral é analisar a representação das mulheres na mídia esportiva a partir do conteúdo produzido pela TNT Sports. Como objetivos específicos, propõe-se: Investigar como a TNT Sports retrata jornalistas e atletas mulheres em suas produções; observar o tratamento midiático dado a casos de violência de gênero envolvendo atletas; refletir sobre a presença e atuação de mulheres na cobertura esportiva do canal. Ao eleger a TNT Sports como cenário de análise, busca-se compreender como práticas jornalísticas contemporâneas dialogam com os debates sobre igualdade de gênero, visibilidade feminina e ética na cobertura de casos sensíveis no esporte.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A desigualdade de gênero no ambiente esportivo é resultado de um processo histórico de exclusão que moldou, ao longo do tempo, a presença da mulher tanto nas práticas esportivas quanto na cobertura jornalística do setor. Durante décadas, normas sociais e institucionais restringiram o acesso das mulheres ao esporte, sob justificativas de ordem moral ou biológica. No Brasil, esse processo foi formalizado por meio do Decreto-Lei nº 3.199/1941, que proibiu as mulheres de praticarem modalidades consideradas "incompatíveis com sua natureza". Essa proibição vigorou até 1979 e gerou impactos duradouros sobre a visibilidade e o desenvolvimento do esporte feminino (Goellner, 2021).

A exclusão das mulheres não se limitou à prática esportiva. No âmbito institucional, as mulheres seguem sub-representadas em cargos de liderança. Segundo o relatório "Mulher no Esporte" (2022), apenas 6% das confederações brasileiras olímpicas têm mulheres na presidência, e somente 32% contam com mulheres na vice-presidência. Internacionalmente, a representação é um pouco mais significativa, mas ainda distante da paridade. Além disso, menos da metade das entidades esportivas nacionais desenvolvem ações específicas voltadas para a igualdade de gênero. Apesar dos desafios persistentes,

algumas iniciativas recentes têm buscado reverter esse cenário. O Comitê Olímpico Internacional (COI), em parceria com a ONU Mulheres, desenvolveu o "Projeto de Revisão da Igualdade de Gênero" (2018), com 25 recomendações distribuídas em cinco eixos: participação, representação, financiamento, governança e comunicação. Entre os pontos centrais estão a promoção da paridade na cobertura midiática, a igualdade salarial e o combate ao assédio e abuso no esporte (Mulher no Esporte, 2022).

Nesse contexto, destaca-se a implementação pela FIFA de uma política de licença maternidade remunerada e apoio à gestação para jogadoras de futebol. Conforme diretrizes da entidade, atletas têm direito a 14 semanas de afastamento com remuneração integral, além de adaptação dos treinos durante a gravidez. A medida visa garantir que a maternidade não represente um entrave à continuidade da carreira esportiva (FIFA, 2020). Outro ponto crucial diz respeito à representação das mulheres no jornalismo esportivo. Embora a presença feminina tenha crescido nos últimos anos, ela ainda é marcada por resistências, desigualdade salarial e assédio. Ramos (2010) e Pedroza (2017) mostram que mulheres jornalistas são frequentemente descredibilizadas em função do gênero, com limitações de pauta e questionamentos sobre sua competência. Uma pesquisa do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal (2016) apontou que 70,7% das jornalistas já deixaram de ser escaladas para coberturas por serem mulheres, e 78,5% relataram ter sofrido machismo durante as entrevistas.

Coelho (2003) reforça que o preconceito de gênero ainda restringe a participação feminina nos principais espaços da cobertura esportiva, como o futebol e o automobilismo. Em muitas redações, mulheres continuam sendo direcionadas a editoriais "consideradas femininas", como os esportes olímpicos. Essa divisão revela uma estrutura de gênero ainda operante nas dinâmicas internas do jornalismo esportivo brasileiro. Dessa forma, a fundamentação teórica evidencia que as desigualdades de gênero no esporte são atravessadas por fatores históricos, institucionais e culturais, que se reproduzem tanto nas quadras quanto nas redações. O papel da mídia, nesse contexto, é central: cabe a ela contribuir para o enfrentamento dos estereótipos e para a construção de uma representatividade mais equitativa e plural.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise documental de conteúdos jornalísticos produzidos pela TNT Sports, foram analisadas, a

partir da programação da emissora TNT Sports, as produções que proporcionam visibilidade aos esportes femininos, bem como a presença de repórteres e comentaristas do sexo feminino na apresentação dos conteúdos esportivos. O corpus da investigação compreende reportagens, entrevistas e materiais audiovisuais veiculados no site oficial da emissora. Em relação aos casos que envolvem a violência de gênero, as reportagens analisadas foram publicadas no site da TNT Sports. As matérias que tratam da condenação do ex-jogador de futebol Daniel Alves foram veiculadas em 2024, no referido portal esportivo. Em relação ao ex-jogador Robinho, quatro reportagens foram publicadas em 2020 e uma em 2023, todas também disponibilizadas no site da TNT Sports. Foram analisadas, no total, seis reportagens. O critério de seleção concentrou-se em três eixos: (1) A presença de mulheres em programas esportivos e na autoria das reportagens, especialmente em pautas que envolvem questões relacionadas ao contexto feminino; (2) a visibilidade conferida ao esporte feminino e a ampliação da presença feminina na cobertura esportiva; e (3) o tratamento midiático de casos de violência contra a mulher envolvendo atletas de renome; A análise considerou aspectos como enquadramento narrativo, linguagem utilizada, diversidade de fontes e visibilidade das vozes femininas nas narrativas jornalísticas. A proposta metodológica busca compreender como a emissora constrói, reforça ou desafia estereótipos de gênero no contexto do jornalismo esportivo brasileiro.

RESULTADOS

No primeiro eixo, observou-se um esforço da TNT Sports em ampliar a visibilidade de competições femininas, como a Libertadores Feminina e campeonatos nacionais. Entretanto, os jogos ainda são transmitidos em horários alternativos e recebem menor destaque nos programas de análise e noticiários. A cobertura, embora mais frequente, muitas vezes carrega estereótipos como a "superação feminina" ou o "espírito de luta", em contraposição à abordagem técnica predominante nas modalidades masculinas.

Quanto ao segundo eixo, a presença de jornalistas mulheres é crescente, tanto na apresentação de programas quanto na participação em mesas redondas e transmissões. No entanto, elas ainda são minoria em funções como narradoras e comentaristas técnicas. Observou-se também que, em alguns programas, a participação feminina ocorre mais em funções de mediação do que de análise crítica. Isso reflete o que apontam Pedroza (2017)

e Coelho (2003): mulheres no jornalismo esportivo enfrentam resistências, com limitações temáticas e pressão estética ainda presentes.

O terceiro eixo, referente à cobertura de casos de violência de gênero, evidencia abordagens contraditórias. No caso de Daniel Alves, a cobertura inicial priorizou aspectos da carreira do jogador, relativizando a gravidade da acusação. Apenas após a condenação em primeira instância, o tom das reportagens se tornou mais crítico. Já no caso de Robinho, observou-se uma cobertura mais plural, com a inserção de opiniões de jornalistas e torcedoras contrárias à contratação do jogador pelo Santos. Foram publicadas reportagens com foco na escuta das mulheres, na discussão sobre responsabilização institucional e no boicote de patrocinadores.

Essa diferença de abordagem revela a ausência de um protocolo editorial uniforme na emissora para casos de violência de gênero, gerando inconsistências que comprometem a credibilidade e a coerência do discurso midiático. Ainda que haja avanços na inserção de vozes femininas e no reconhecimento da gravidade de tais crimes, a cobertura da TNT Sports permanece reativa aos fatos e carente de aprofundamento crítico constante. Em síntese, os resultados apontam que a emissora tem contribuído para ampliar a visibilidade feminina no esporte, mas ainda reproduz estereótipos e apresenta lacunas significativas na cobertura de questões estruturais de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada evidenciou que, embora a TNT Sports tenha contribuído para ampliar a visibilidade das mulheres no ambiente esportivo, ainda existem limites estruturais e simbólicos que dificultam uma representação verdadeiramente equitativa. A emissora tem promovido maior participação de jornalistas mulheres e ampliado a cobertura de modalidades femininas, mas persiste na reprodução de estereótipos e na ausência de aprofundamento crítico em questões de gênero. O tratamento midiático de casos de violência sexual envolvendo atletas, como Daniel Alves e Robinho, revelou uma abordagem reativa e, por vezes, incoerente, com espaços mínimos para as vozes femininas e pouco engajamento com perspectivas especializadas. A falta de um protocolo editorial mais consistente contribui para a relativização de condutas graves e dificulta a formação de um posicionamento ético e educativo por parte da mídia esportiva.

O estudo aponta que a representação da mulher na mídia esportiva brasileira precisa ser pensada para além da presença quantitativa. É necessário considerar a

qualidade da representação, a ocupação de espaços de liderança, a forma como se constroem os discursos sobre as atletas e jornalistas e o compromisso ético com uma cobertura responsável sobre violências de gênero. Assim, a mídia esportiva tem papel central na desconstrução de desigualdades e na promoção da igualdade de gênero no esporte. Iniciativas como a adoção de protocolos editoriais para casos de violência, a ampliação da participação feminina em cargos de visibilidade e a valorização da cobertura de modalidades femininas devem ser priorizadas por veículos que se comprometem com a equidade. A pesquisa evidencia que a comunicação, quando orientada por princípios democráticos, pode se constituir como uma ferramenta potente de transformação social.

REFERÊNCIAS

COELHO, P. V. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

FIFA. **Licença maternidade e apoio à gestação no futebol**. 2020. Disponível em: <https://www.fifa.com>. Acesso em: 12 mar. 2025.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento** (Porto Alegre), v. 27, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/113521>. Acesso em: 12 mar. 2025.

MULHER NO ESPORTE. **Igualdade e inclusão da mulher no esporte: mapeamento das organizações esportivas nacionais e internacionais**. ONU Mulheres e Comitê Olímpico do Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.unwomen.org.br>. Acesso em: 10 mar. 2025.

PEDROZA, C. L. S. **Mulheres no Jornalismo Esportivo: os desafios e dificuldades da profissão**. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2017.

RAMOS, R. H. P. **Mulheres jornalistas: a grande invasão**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Faculdade Cásper Líbero, 2010.

SINDICATO DOS JORNALISTAS DO DISTRITO FEDERAL. **Pesquisa sobre assédio e desigualdade de gênero no jornalismo**. Brasília, 2016. Disponível em: <https://www.sjpdf.org.br>. Acesso em: 12 mar. 2025.

TNT SPORTS. **A condenação de Daniel Alves é histórica**. 2024. Disponível em: <https://tntsports.com.br/blogs/A-condenacao-de-Daniel-Alves-e-historica-20240222-0014.html>. Acesso em: 12 mar. 2025.

TNT SPORTS. **Pela visão delas: torcedoras do Santos e jornalistas falam sobre caso Robinho**. 2020. Disponível em: <https://tntsports.com.br/futebolbrasileiro/PELA-VISAO-DELAS-Torcedoras-do-Santos-e-jornalistas-falam-sobre-caso-Robinho-20201212-0008.html>. Acesso em: 12 mar. 2025.